

Vade retro fanchono, ave paneleiro!
Vade retro «fanchono», ave «paneleiro»!

FERNANDO CUROPOS¹

Resumo: Tendo em conta a raridade dos estudos científicos e médicos sobre a homossexualidade em Portugal no século XIX, torna-se essencial, no caso português, relativizar a importância da «invenção do homossexual». De facto, na segunda metade do século XIX, os homossexuais tornam-se visíveis na cidade de Lisboa e constituem uma subcultura. Daí a palavra «fanchono», utilizada desde o século XVI como sinónimo de «sodomita» fora do discurso religioso, desaparecer pouco a pouco para deixar lugar a outros termos a condizer com essa nova realidade: fresco, pêssego, sacana, panela ou paneleiro. A partir de um *corpus* de textos publicados entre 1860 e 1900, tentaremos mostrar como o «fanchono» deu lugar ao moderno «paneleiro».

Palavras-chaves: Homossexualidade masculina; pornografia; *queer*; gay history.

Abstract: Given the rarity of scientific and medical studies on homosexuality in Portugal during the nineteenth century, it becomes essential to relativize the importance of the «invention of homosexuality». Indeed, during the second half of nineteenth century, male homosexuality became extremely visible in Lisbon, making it clear that a community was burgeoning. Hence the word «fanchono», used since the sixteenth century as a synonym for «sodomite» outside of religious discourse, disappeared slowly making space for new words as: «fresco», «pêssego», «sacana», «panela» or «paneleiro». Based on a *corpus* of texts published between 1860 and 1900, we will demonstrate how «fanchonos» gave place to «paneleiros».

Keywords: Male homosexuality; pornography; *queer*; gay history.

¹ Sorbonne Université.

No primeiro volume da sua *História da sexualidade*, Michel Foucault encara o discurso médico e psiquiátrico como principal agente criador da homossexualidade. O filósofo argumenta que «a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi abatida à prática da sodomia, passando a uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma» (Foucault, 1998: 39). Os dissidentes sexuais são doravante classificados pela medicina psiquiátrica segundo uma nova categoria e a homossexualidade entendida como patológica: «O sodomita era um relapso, o homossexual é agora uma espécie» (Foucault, 1998: 39).

A primeira ocorrência do neologismo de raiz greco-latina, homossexualidade (*homosexualität*), aparece num panfleto publicado em 1869, sem nome de autor, por um jornalista húngaro de língua alemã, Károly Mária Kertbeny (1824-1882), militante a favor da despenalização das relações sexuais entre homens na Alemanha. Nesse mesmo ano, o alienista berlinense Karl Westphal (1833-1890) publica um artigo no qual identifica «a sensação sexual contrária que considera um desvio inato ligado a sintomas hereditários» (Chaperon, 2007: 101). Mas é sobretudo o psicólogo Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) que, ao incorporá-lo na sua

obra *Psychopathia sexualis*² (1886), vai popularizar o neologismo e o seu contrário: a heterossexualidade. Nesse meio tempo, «outra palavra vai ter um sucesso duradouro: a inversão sexual, termo cunhado em 1878, [pelo médico] italiano Arrigo Tamassia» (Murat, 2006: 134). Desses dois termos, homossexualidade e inversão, é este último, e o seu corolário, o invertido, que serão mais rapidamente incorporados no discurso social português.

Embora D. Sebastião Pires de Castro e Noronha, personagem central de *O barão de Lavos* (1891), primeiro romance português a retratar o percurso de vida de um homossexual, nunca seja qualificado com a taxonomia recém-inventada, homossexual ou invertido, os seus atos são definidos como uma «inversão sexual» (Botelho, 1982: 20), expressão que Abel Botelho foi procurar no discurso científico da época, nomeadamente nas produções de Jean-Martin Charcot, Valentin Magnan, Krafft-Ebing, Karl Westphal e Paul Moreau de Tours³. No entanto, à «in-

² Traduzido para francês em 1895. É em tradução que a obra vai circular em Portugal.

³ Os quatro primeiros autores são amplamente citados por Basílio A. S. Costa Freire (1857-1927) em *Os degenerados. Estudos de Antropologia Patológica*. Embora essa obra trate da degenerescência em geral, menciona um caso clínico de pederastia (pp. 60-62) e cita (pp. 62-63) os principais artigos sobre o tema, nomeadamente os que vão inventar a figura patológica do homossexual: «Die conträren Sexualempfindung» (Westphal, 1876), «Inversion du sens génital» (Charcot et Magnan, 1882), «De la sexualité contraire du point de vue clinique et légal» (Krafft-Ebing, 1883). Logo, a literatura mé-

versão sexual» e à «perversão do sentido genésico» (Botelho, 1982: 394) que descobre com esses médicos, prefere o termo mais comum de «pederastia», «essa obscena invenção de Ganimedes» (Botelho, 1982: 27), vocábulo algo elitista que retranscreve parte da vivência do barão.

Com efeito, a sua relação com Eugénio enquadra-se perfeitamente nos «luxos gregos» (Botelho, 1982: 172) denegridos por Botelho, o binómio *erastes/eroméno*⁴ do modelo pederástico grego. Todavia, é de notar que, embora o barão desempenhe a função de *erastes* junto de Eugénio, a sua sexualidade, que o narrador qualifica de «feminina», passa a ser no final do romance totalmente outra:

[...] a porção de feminilidade subjacente neste ascoento epílogo de raça, fizera explosão por completo. Ansiava o barão por entregar-se. Queria por força realizar as abjetas imaginações, as execráveis quimeras que, *do berço*⁵, lhe arranhavam a sensualidade. A perversão do sentido genésico ganhara por fim

dica sobre o tema circulava em Portugal no tempo de Botelho. Maria Helena Santana nota que «Botelho conhecia decerto (até por interesse pessoal) alguns dos trabalhos de Krafft-Ebing ou Charcot sobre aberrações sexuais, [...] onde se explica que a pederastia não é em si mesma uma monstruosidade mas um fenómeno natural; tal não significa que deixe de ser encarada como uma perversão associada a doenças nervosas e muito especialmente à degenerescência hereditária» (Santana, 2007: 288-289).

⁴ «Tinha 32 anos o barão» e Eugénio «16 anos» (Botelho, 1982: 51, 53).

⁵ Itálico nosso.

o ascendente. Por isso agora a circuitagem de noctívago do barão não coleava tanto de volta dos efebos, como em roda dos tipos de músculo e de força, dos marujos, dos militares e dos cocheiros. (Botelho, 1982: 394)

Assim, depois de ter cortado relações com o seu *eroméno*, o barão deixa de ser um *erastes*, e a palavra pederastia é suplantada por uma expressão oriunda do discurso médico coevo⁶, mostrando portanto a nova realidade aí retratada, a «perversão do sentido genésico», isto é, uma homossexualidade inata («do berço») que ganha «o ascendente» no personagem e faz dele um homossexual em busca de homens supostamente «viris».

Contudo, os termos «inversão» e «invertido» ganham em popularidade aquando da rusga da polícia no café de Casimiro de Carvalho, alcunhado de Maria das Tairocas, onde, em 1895, são presos vários homens vestidos de mulher. Sendo que o travestismo é encarado como uma «inversão» dos papéis de género, a palavra recém-inventada cai como luva. A imprensa da época dará a conhecer o caso, e esses homens logo identificados como «invertidos».⁷

Quanto ao termo homossexual, é primeiro adotado pela «língua científica antes de preparar a sua lenta passagem discursiva

⁶ Cf. Moreau de Tours, P. (1887).

⁷ Cf. Curopos (2016: 38-41).

para o grande público» (Bordas, 2013: 3). Esse grande público será antes de tudo os leitores burgueses que poderão entender o trocadilho de Homem-Pessoa para qualificar *O bispo de Beja* no poema satírico epónimo publicado em 1910: «*Ecce homo... sexual...!*»⁸. É com certeza a primeira ocorrência do termo fora da literatura científica, um vocábulo ainda em vias de estabilização no grande público já que Mário de Sá-Carneiro utiliza o termo «homossexualista»⁹ numa carta enviada de Paris, em 1913, a Fernando Pessoa.

Se a palavra que define a suposta identidade sexual do bispo de Beja, acusado de ter feito propostas *contra natura* a um padre da sua diocese é facilmente descodificada em 1910, é porque a homossexualidade (significado e significante) já era, desde alguns anos, objeto de discurso social e literário, portanto fora das ciências médicas, aliás muito atrasadas e timoratas sobre o assunto em Portugal.

De fato, a primeira pesquisa dedicada totalmente ao tema, *A inversão sexual*, de Adelino Silva, só será publicada em 1895. Sete anos

mais tarde, o psiquiatra António Egas Moniz debruça-se sobre o assunto em *A vida sexual* (1902), obra logo seguida por um estudo de Albano Perreira dos Santos, *Perversão sexual*.

Por conseguinte, temos de reconhecer que, no caso português, o discurso social e literário sobre a homossexualidade antecede o discurso médico. Assim, na «Ocidental praia lusitana», vão coexistir durante um tempo, um saber sobre a homossexualidade, importado essencialmente da França e da Alemanha, e personagens com uma vida sexual fora da norma. Ora, os vários escândalos ligados a práticas sexuais entre homens na Lisboa finissecular revelam a presença de uma subcultura homossexual, com seus espaços de sociabilidade, lugares de engate e com práticas sociais definidas¹⁰. Logo, parece-nos essencial adotar uma certa distância crítica com relação à «invenção do homossexual». De facto, como aponta Didier Éribon:

[Foucault] só se interess[ou] pela cultura de elite, como se as transformações que afetaram a homossexualidade nos séculos XIX e XX tivessem sido limitadas a um espaço circunscrito pelos psiquiatras e os escritores. [...] É preciso não esquecer que a cultura popular, isto é os modos de vida e de sociabilidade, tiveram com certeza um papel muito mais importante na elaboração de

⁸ Para uma análise desse poema, ver o nosso artigo: Curopos (2018).

⁹ «Tenho continuado a andar com [Santa-Rita Pintor], mas vou procurar afastar-me, porque se vai tornando cada vez mais intolerável em pequeninas coisas que só de boca se podem esmiuçar. [...] apresenta-me uma polaca horrivelmente feia e diz-lhe que sou homossexualista! A polaca replica que simpatiza muito com os degenerados!!» (Sá-Carneiro, 2001: 17).

¹⁰ Cf. Curopos (2016: 24-58).

uma consciência de si e de uma consciência coletiva de si. (Eribón, 1999: 404)

Ora, se o poeta satírico António Lobo de Carvalho (1730-1787) já notava em pleno século XVIII «perdeu tanto a voga o pobre cono / que até certo taful viu em Lisboa / gato sodomita e cão fanchono» (Carvalho, 1852: 152), o certo é que a partir do início do século XIX, como em outras grandes capitais europeias, emerge em Lisboa uma comunidade homossexual nitidamente visível e com uma «consciência coletiva de si».

Logo, essa visibilidade vai também dar lugar a uma proliferação de vocábulos para designar esses homens que têm relações sexuais entre si. Ao termo bíblico, sodomita, já tinha sido acrescentado no século XVI o lexema fanchono (do italiano *fanciullo*), desdobramento do termo puto, sendo que a etimologia de ambos vocábulos designava uma mesma realidade, «a criança». No entanto, se o termo puto designa sempre o jovem «paciente» de atos homossexuais, sendo o fanchono o adulto «agente» da relação erótica, atualização moderna do binómio *erastes/eroméno*s, o certo é que nem todos os fanchonos tinham contatos sexuais com jovens adolescentes. Pois, muitos deles preferiam a companhia de homens muito mais crescidos como fica bem explícito na «fisiologia do fanchono», primeira tentativa de classificação das relações sexuais entre homens em Portugal:

Entre nós três espécies distintas de fanchonos oferecem suficiente individualidade, para merecer as honras de uma descrição fisiológica [...]: — o fanchono por vocação — o fanchono por necessidade — o fanchono porco.

O fanchono por vocação, que faz figas ao buraco por onde saiu, que sente convulsões nervosas quando vê a mulher, [...] vai saciar prazeres que ele julga só se podem verdadeiramente gozar nas macias e acetinadas mãos de um puto [...].

O fanchono por necessidade é ao contrário daquele, um homem prudente que o receio do gálico fez abraçar uma nova seita ou que, por colocado em circunstâncias especiais, vai comendo a sua punheta por distração. [...] O sémen derramado pelas mãos ou no cú de um puto, afoga as saudades do cono.

O fanchono porco, esse que se entusiasma em presença de um gaiato esfarrapado, que sente admiração por um galego nojento, que se extasia diante de um porta-machado, é na realidade um tipo incompreensível, e do qual a nossa humilde pena se recusa a descrever os nojentos contornos. (*Almanak Caralhal*, 1860: 95-97)

Nessa tipologia, o fanchono que mostra gostar de homens adultos e viris, como só podia ser um «porta-machado», é visivelmente o mais abominado. O pressuposto é que se trata de uma relação entre adultos, sendo neste caso o «fanchono porco» «o paciente». Nos finais do século XVIII aparece um sinónimo para o termo fanchono, sacana, utilizado sobretudo para qualificar homens que têm relações sexuais com homens

ativos, daí «os sacanas» serem descritos com ademanos femininos: «Se o virdes luzidio, acetinado, [...] de ademanos mulherengos, voz de tiple e meneios compassados, [...] será...simplesmente sacana» (*O pauzinho do matrimónio*, 2011: 55).

É de notar que o substantivo sacana vem duplicar a palavra puto, embora não seja um sinónimo perfeito. Pois, se o puto é um jovem prostituto, o sacana já não é assim tão jovem. Logo, a relação existente deixa de ser encarada como uma relação de tipo pederástica:

O ofício de sacana
De aprender não é custoso
E sem o peito cansar
É divertido e rendoso

E aí está a razão
Porque no tempo presente
De tal raça de sacanas
Não se lhe acaba a semente

Entre o bando de janotas
Vão contentes figurando
E na loja do Marrare
Muitas partidas jogando

Outros vejo no teatro
Repimpados nas cadeiras
Afectando de talento
Mas dizendo só asneiras

Alguns lá nos camarotes
Com os fanchonos favoritos
Penteados engomados
Presumidos de bonitos

Muitos as ruas passeiam
Engomadinhos janotas
De casacas de alto preço
E de mui lustrosas botas

Até já ouvi dizer
A um famoso financeiro
Que o ofício de sacana
Dá carradas de dinheiro.
(*Cancioneiro do Bairro-Alto*, 1864: 65-66)

Portanto, a partir de meados de novecentos, os termos eruditos sodomita e pederasta, começam a ser suplantados por outros le-xemas, reflexo de uma mudança na sociedade portuguesa. Pois, com a extinção gradual da inquisição ao longo do século XVIII e a sua extinção definitiva em 1821, a subcultura homossexual ganha em visibilidade na capital portuguesa. As perseguições sendo doravante menos apertadas, os engates homossexuais passam a ser mais óbvios, os espaços de prostituição e de consumo sexual multiplicam-se. Se o café o Marrare é o ponto de eleição para os «sacanas» de antanho, o Rossio torna-se o centro nevrálgico da prostituição masculina, e a hospedaria do Fermino, aberta em 1832, o maior bordel masculino da época:

Desde o galego até o fidalgo, [...] desde o janota ao sacana do Rossio, é o Fermino, que a certas horas da noite se vem (sem calembourg) à memória! [...] Naqueles quartos a vida é curta! O homem esquece-se do mundo, a luxúria triunfa [...]. Ali o homem encontra a mulher tal qual a natureza a criou. O fanchono dá largas ao caralho! É ali que o puto é puto. (*Almanak Caralhal*, 1860: 68-69)

Como se depara à leitura deste texto, as casas de prostituição podiam também servir para albergar amores menos convencionais sendo que a elite, como tinha sido o caso para o Marquês de Vallada¹¹, tinha meios suficientes para não ter que frequentar espaços tão concorridos onde corriam o risco de ser vistos:

Temos muitas pessoas decoradas
Que vão criar albergue onde s'aninhem
E durmam os colegas dos Valladas.

Temos velhos fidalgos sem dinheiro
Com outros que a deshoras nas vielas
Vão praticar o fado fanchoneiro.
(Fagundes dos Caracois, 1881: 29)

Embora a hospedaria do Fermino fosse a mais célebre de todas, existiram outras «casas de batota» tão permissivas quanto esta:

Foi em casa de *batota*,
Não de loto nem roleta,
Mas onde a foda e punheta
Consolam muita pixota.
Era ali tudo risota
N'um fanchoníssimo entono
[...]
Quando entraram dois parceiros,
Um sacana e um fanchono.
[...]
Descobre o puto a *panela*,
Salta ao fanchono o tesão;
Este, p'la muita ambição
De qu'rer que a sorte lhe corra,
Nao 'steve com mais pachorra:
[...]
Logo firme e satisfeito,
Se enchou de potente gana,
E para o cú do sacana
Correu de taco direito.¹²
(*Novo Fado Brejeiro*, 4: 6-7)

Assim, no calão do segundo quartel do século XIX, o termo «panela» passou a ser sinónimo de «cú» e o lexema «paneleiro» passou, por analogia, a designar o homossexual. Embora este termo venha suplantar o antiquado fanchono, outros aparecem no calão da época, «fresco» e «pêssego», prova de uma visibilidade cada vez maior da homos-

¹² Uma alusão ao início do abastecimento em água da cidade de Lisboa a partir da nascente do rio Alviela indica que o texto é anterior a 1880: «Com água benta já pode / O homem lavar o *mono* / E a mulher lavar o cono / A que fode e a que não fode. / Homem que as picas sacode / No seu cú, p'lo que se pela, / Pode lavar a *panela* / Com água benta, está visto, / Porque p'ra mais, além disto, / Chegou, enfim, o Alviela» (*Novo Fado Brejeiro*, 5: 6).

¹¹ Cf. Curopos (2016: 24-32).

sexualidade na Lisboa finissecular. Embora o lexema «fresco» deixe de ser utilizado em Portugal para designar um homossexual na segunda década do século xx, o vocábulo terá a fortuna que se sabe em terras brasileiras. Quanto ao «pêssego», vai continuar a ser sinónimo de homossexual até os anos 1930, deixando paulatinamente de ter esse sentido, guardando no entanto uma conotação sexual na linguagem popular atual já que o termo designa, em algumas regiões portuguesas, um homem jovem e bonito. Sendo assim, associar esse fruto a um homem, era identificá-lo como homossexual:

Há várias espécies de pêssego, como é natural. Há uns com a face toda amarela: são os que perdem as noites. Outros apresentam uma bela cor vermelha: são os que se pintam. Há também os pêssegos carecas, como o Dr. Raul Leal, que é um dos novos mais velhos da moderna geração. (*ABC a Rir*, 1921: 6)

Esta crítica *ad hominem* demonstra que, antes da publicação de *Sodoma divinizada* (1923) em defesa de António Botto, o escritor modernista já era uma figura conhecida pela sua sexualidade não normativa. Quanto aos «pêssegos» que se pintam, eram também conhecidos por «Adelaides», nome popularizado pela revista *O Dia do Juízo*¹³, grande sucesso de 1915. Assim, o dueto

entre «as Cartolinhas e os Adelaides» não deixa espaço para dúvida quanto à identidade sexual desses dandys lisboetas¹⁴, maquilhados a preceito:

Adelaide Ai, como tu a homem cheiras!
E como pegas na *badine*!
Cartolinha São de mulher essas olheiras,
Esse carmim e a *veloutine*!
[...]
Cartolinha E eu não sei bem o que em ti acho,
Mas não te acho homem completo.
Adelaide Co'a tua saia posta a jeito
Todos me tomam por mulher!
(*apud* Oliveira Marques, 1991: 632)

Se esse nome de mulher se torna tão popular nos anos 1910-1920 para designar os homossexuais é porque o discurso médico dos finais do século xix atinge o grande público por via de obras de vulgarização pseudocientíficas¹⁵, popularizando a ideia de Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895) que define o homossexual (uranista, segundo a taxonomia coeva), como «uma alma de mulher num corpo de homem»¹⁶. Ora o nome feminino cai como uma luva para o pensamento homofóbico da época, sendo que um homem

==

¹⁴ A letra desta cantiga de revista, editada na época, é uma alusão explícita à homossexualidade masculina, embora também foque a masculinização da mulher.

¹⁵ À guisa de exemplo: Dr. Désormeaux (s.d.); Drs. Martineau, Kelt e Willis (s.d.).

¹⁶ Ulrichs foi o primeiro teorizador da homossexualidade que definia como um «Terceiro sexo». O seu trabalho, publicado entre 1864 e 1879, será retomado em 1898 por Magnus

¹³ Revista escrita por Eduardo Schwalbach.

que ama outro homem só pode ser uma mulher. No entanto, temos que esse termo foi inventado dentro da própria comunidade homossexual de Lisboa dos finais do século XIX, uma palavra entre entendidos para designar outros homossexuais e que, aos poucos, se difundiu no resto da sociedade. Com efeito, três prostitutos masculinos apanhados numa rusga da polícia no início do século XX, cujos nomes foram consignados pelo médico António Asdrúbal d'Aguiar, usam essa alcunha ou variantes: «Amadeu Cal, A Menina Adelaide; Vitorino Antunes, A Adelaide; Jaime Mendes, A Adelaidinha» (Aguiar, 1926).

Assim, enquanto o discurso psiquiátrico inventa o homossexual, a língua popular multiplica os termos para designar os homens que têm relações sexuais entre si: sacanas, frescos, pêssegos, adelaides e paneleiros. Esses substantivos vieram suplantir o termo bíblico sodomita, e os antiquados putos e fanchonos. No entanto, todos esses vocábulos desapareceram da linguagem popular em Portugal, e só ficou o lexema panelheiro, o mais homofóbico de todos por reproduzir o pensamento heteronormativo sobre a sexualidade entre homens. Pois, sendo os homossexuais como as mulheres, só podiam gostar de mexer com as «panelas».

Bibliografia

- ABC a Rir*. (1921, 31 de dezembro). **53**: 6;
- Aguiar, A. (1926). Evolução da pederastia e do lesbismo na Europa: Contribuição para o estudo da inversão sexual. *Arquivo da Universidade de Lisboa*. **11**: 335-620;
- Almanak Caralhal*. (1860). S. n. Paris;
- Bordas, E. (2013). Comment en parlait-on?. *Romantisme*. **159**: 3;
- Botelho, A. (1982 [1891]). *O barão de Lavos*. Lello e Irmãos Editores. Porto;
- Cancioneiro do Bairro-Alto: Collecção de chistosas poesias de um autor patusco offerecidas a certas meninas que fazem certas coisas*. (1864). S. n. Cadiz (Lisboa?);
- Carvalho, A. (1852). *Poesias joviaes e satyricas*. S. n. Cadix;
- Chaperon, S. (2007). *Les origines de la sexologie: 1850-1900*. Éditions Louis Audibert. Paris;
- Curopos, F. (2016). *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*. L'Harmattan. Paris;
- Curopos, F. (2018). Contra os queers, marchar, marchar!. *Via Atlântica*. **33**: 135-149;
- Désormeaux, Dr. (s. d.). *Pederastia (inversão sexual)*. Livraria de João Carneiro. Lisboa;
- Éribon, D. (1999). *Réflexions sur la question gay*. Fayard. Paris;
- Fagundes dos Caracois, J. (1881). *A libertinagem*. S. n. S. l.;
- Foucault, M. (1998). *Histoire de la sexualité: La volonté de savoir*. Gallimard. Paris;
- Freire, B. (1886). *Os degenerados. Estudos de Antropologia Patológica*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra;
- Homem-Pessoa (pseud. de Santos Vieira). (1980). *O bispo de Beja*. &etc. Lisboa;
- Martineau, Dr., Kelt, Dr. e Willis, Dr. (s. d.). *O amor e o vício*. Livraria de João Carneiro. Lisboa;
- Moreau de Tours, P. (1887). *Des aberrations du sens génésique*. S. n. S. l.;

Hirschfeld (1868-1935). Ver o capítulo III, «Les invertis», de Vernon A. Rosario (1997: 82-134).

Murat, L. (2006). *La loi du genre*. Fayard. Paris;
Novo Fado Brejeiro. (s. d.). **4**: 6-7;
Novo Fado Brejeiro. (s. d.). **5**: 6;
Oliveira Marques, A. (Dir.). (1991). *Nova história de Portugal*. Editorial Presença. Lisboa. **Vol. 11**;
O pauzinho do matrimónio. (2011 [1881]). Tinta da China. Lisboa;
Rosario, V. (2000). *L'irrésistible ascension du pervers: Entre littérature et psychiatrie*. Trad. G. Le Gaufey, (*The Erotic Imagination: French Histories of Perversity*). EPEL. Paris;

Sá-Carneiro, M. (2001). *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*. Assírio & Alvim. Lisboa;

Santana, M. (2007). *Literatura e ciência na ficção do século XIX*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa.